



**Túlio Carapiá e Clara Cerqueira // BA, Brasil** “Com essa imagem, pretendemos capturar o poder do povo na construção de sua própria história e, no caso da América Latina e do Brasil, na construção de suas narrativas de luta e de esperança. Esperançar é o verbo de nossos povos.”

## 4 Artigo

# Paulo Freire e uma educação para a emancipação nacional

**Silvio Romero Martins Machado<sup>1</sup>**

Resumo // O presente artigo é uma breve reflexão sobre a pedagogia de Paulo Freire. Aborda sob a perspectiva de uma educação dialógica o quanto a proposta educacional do autor contraria a própria perspectiva histórica da educação nacional e, no limite, o próprio etos da sociedade brasileira. Também se destaca no contexto da sociedade brasileira a dimensão do desafio proposto pela pedagogia freiriana que se confronta com as práticas e tradições educacionais da maioria das instituições de ensino e sua cultura. E, por fim, destacamos a necessidade de uma efetiva prática da pedagogia freiriana para desenvolver bases de pensamento e de prática emancipatórias do próprio Brasil em contexto doméstico e internacional.

Palavras-chave // Educação, Emancipação, Desenvolvimento.

---

1 Doutor em História, administrador e professor. Criador e editor de jogos para o ensino de história na empresa Cartas na História (@historiadeusar). Email: [machado.srm@gmail.com](mailto:machado.srm@gmail.com)

“A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação: no fundo, o nosso sonho - Paulo Freire.

Em seu centenário Paulo Freire merece todas as homenagens e nossa atenção. Como a maioria dos autores referenciais, Freire é mais citado do que lido e compreendido. Isso ocorre tanto à direita quanto à esquerda. A ele são atribuídas frases e ideias que ele nunca expressou. Seus livros são citados superficialmente. O que para além das peculiaridades do nosso tempo marcado pela superficialidade e instantaneidade das mensagens, é suscitado pela própria obra de Freire e pela dificuldade implícita de uma obra que é teoria e prática. Constituída de conteúdos e lições a serem transmitidas, também é conduta e atitudes a serem praticadas e reafirmadas na prática. Paulo Freire ao propor uma metodologia de inspiração socrática desafia e desacomoda.

Estudar e refletir sobre a obra de Paulo Freire é um incômodo. Exige que façamos um mergulho em nosso próprio processo educacional em âmbito escolar e familiar. E, de forma geral, as pessoas lidam mal com a necessidade de criticarem a imagem refletida no espelho. Inevitavelmente, sob a ótica freiriana, a maioria das pessoas que receberam alguma educação formal e, em escala menor, aquelas que conseguem refletir sobre esse processo ficam desconfortáveis.

Historicamente a educação no Brasil é antidialógica. O aluno é aquele recipiente vazio a ser preenchido com o saber de posse exclusiva do professor. Ao aluno são transmitidos conhecimentos em grande volume, que exigem memorização porque, em geral, estão desconectados de sua realidade e sem significado que os vincule a realidade do aluno.

De forma agravada ainda podemos retrair na perspectiva da formação da sociedade brasileira a escolástica jesuíta utilizada na doutrinação missionária dos guaranis e de outros nativos brasileiros como ferramenta para o apagamento e inferiorização da cultura nativa “incivilizada”. Numa sociedade hierarquizada sob a lógica colonial os valores e os significados das classes subalternas deveriam ser soterrados pela educação derivada da cultura “superior” do colonizador.

Nessa perspectiva de autocrítica, podemos tomar, por exemplo, um indivíduo que teve sua vida escolar e acadêmica entre os anos 1960 e 1980, período no qual ironicamente Paulo Freire produz suas obras magistrais devidamente banidas do universo educacional brasileiro sob a acusação de subversão, foi exposto nesses 20 anos a uma educação de natureza conteudista aprendida pela memorização sob o

imperativo de obter-se boas notas e ingressar na universidade. Naturalmente é um exemplo recortado em termos socioeconômicos. Eventualmente numa das escolas frequentadas por esse indivíduo ele terá se deparado com um ou mais professores que se referiam aos alunos pelos seus respectivos números da lista de chamada ao invés de utilizar seus nomes. Mais adiante, para completar esse exemplo, se esse indivíduo estudou, por exemplo, administração, deparou-se não só com expressões e estrangeirismos dos manuais adaptados do estrangeiro, mas, sobretudo com uma orientação de valores e significados direcionados para tornar-se um empregado do capital estrangeiro. Estudantes de administração na época deveriam saber de cor os “cases” das corporações estrangeiras, via de regra norte-americanas, e almejar empregar-se numa dessas corporações.

No plano da educação recebida em casa, a ausência do diálogo também é reflexo dessa mesma lógica da modelagem do indivíduo que deve seguir as orientações recebidas. É o recipiente a encher-se. As referências educacionais fluem sempre de fora para dentro do indivíduo, num processo passivo. Se há alguma elaboração, essa ocorre de forma silenciosa de forma adaptativa ou de resistência. A educação doméstica também é domesticação. É antidialógica, passiva e disciplinadora. Claro que o exemplo acima não é totalizante das experiências educativas em âmbito escolar e familiar, mas cremos exemplificar grande parcela da experiência dos indivíduos dessa geração contemporânea à produção de Freire.

Nesse contexto é fácil perceber a subversão oferecida pelas obras de Freire. A demanda pelo diálogo ofende. Mas também é subversiva na medida em que contraria a lógica econômica e ideológica vigente. O Brasil no qual Paulo Freire começa a formular suas teses educacionais é o Brasil do desenvolvimentismo getulista prosseguido por JK e João Goulart. Um país que se industrializava, que se sonhava grande e desenvolvido, no qual a educação da classe trabalhadora buscava a qualificação de uma mão-de-obra que se urbanizava aceleradamente e com isso assumia progressivamente protagonismo na vida social e política do país. A solidão e o isolamento da vida rural iam ficando para trás assim como a ignorância e a falta de informação. A vida urbana fundia culturas que contrastavam e dialogavam entre si e a sociedade brasileira, que buscava aprofundar sua experiência democrática, abria espaços para os diferentes grupos e classes sociais com seus respectivos valores e significados. Foi nessa realidade histórica que as iniciativas de Paulo Freire na educação de jovens e adultos frutificaram. Sintomaticamente em meados dos anos 1950 Freire, atuando no SESI (Serviço Social da Indústria), colocava em prática sua práxis educativa. Talvez como um sinal dos tempos, hoje esse serviço

social tem sua atuação muito mais voltada para transmissão de orientações referentes à saúde do trabalhador com a intenção, em geral, de reduzir o absenteísmo.

Nos anos 1950/1960 a industrialização e a urbanização avançavam produzindo suas tensões e conflitos inevitáveis. O trabalhador industrial progressivamente qualificado e organizado aprendeu a questionar e a lutar pelos seus direitos. Freire vem se somar à longa caminhada da classe trabalhadora já iniciada nas principais cidades do Brasil no início do século XX.

Ainda nos anos 1960 o trabalho de Paulo Freire esteve ligado à administração Arraes, em Pernambuco e gradualmente projetando-se em nível nacional através do Programa Nacional de Alfabetização do presidente João Goulart. O Golpe de 1964 encerrou as possibilidades do experimento. A subversão da proposta freiriana era inaceitável num país que agora se inseria na ordem internacional e na divisão internacional do trabalho de forma subordinada e que teria como um dos mecanismos de retorno dos investimentos capitalistas o arrocho salarial, a proibição do direito de greve e a transferência de renda para o exterior através do endividamento externo.

Enquanto a realidade do Brasil amargava, Paulo Freire pautava sua proposta educacional a partir de uma matriz democrática apoiada sobre conceitos/propostas de ação como a ética, a política, a libertação do oprimido, a esperança, a indignação e a autonomia. E para que esses conceitos/propostas possam adquirir toda a sua dimensão e consequência estruturante do processo educacional Freire postula que somente na medida em que nos fizermos íntimos de nossos problemas em suas causas e efeitos é que poderemos apresentar soluções para eles. Assim colocado, neste texto, parece lógico e coerente. Contudo, as causas e efeitos de nossos problemas somente poderão ser conhecidos pelo conhecimento de nosso processo de desenvolvimento social, econômico e cultural, enfim pela nossa história em dimensão ampla. Grande problema! Qual história? Contada por quem? Ou a história dos negros descendentes de escravos é a mesma dos indígenas ou dos portugueses? De novo e mais uma vez, e essa será a recorrência, Freire exige a problematização crítica, política, politizada. Por conta própria adiciono mais um problema: boa parcela da sociedade se recusa a conhecer e compreender a história do Brasil. Seja por preguiça, por constrangimento ou para evitar a inevitável chamada à ação uma vez conhecidas as causas e os efeitos de nossos problemas. O conhecimento se assemelha ao diagnóstico, depois deste vem o tratamento. Se o universo a ser desvendado pelo conhecimento da “nossa” história é injusto, cruel e opressor, o tratamento natural seria a mudança progressiva, reformista ou

revolucionária. E assim chegamos noutra ponto que justifica a superficialidade com a qual a obra de Freire é tratada.

Empiricamente é fácil constatar que o brasileiro é ignorante. Ignora muitas coisas: como funciona o país, quais as atribuições dos três poderes, como se aloca o orçamento nacional, qual a obrigatoriedade de despesa e investimento nas principais rubricas orçamentárias, quem são os membros eleitos dos parlamentos nos três níveis da administração pública, como e quais debates ocorrem no legislativo e assim por diante. Também falta conhecimento sobre a história do país e uma noção mais clara da integração federativa com as contribuições e demandas de cada uma das regiões do país. Essa lista não pararia de crescer, mas para efeito de argumentação já atende a necessidade deste texto. De fato, não são os tópicos específicos dos temas a serem aprendidos que interessam, até porque com o tempo e com o aprendizado (se realizado) a temática evolui e é substituída. O ponto é a dificuldade de aprender, a dificuldade em fazer-se interessado e a necessidade de desprender-se da alienação confortável e individualista.

A partir do proverbial exemplo do ovo e da galinha, podemos indagar se aprendemos por estranhar determinada realidade e buscar sua compreensão ou se uma vez tendo aprendido passamos a estranhar e a criticar determinada realidade. Na verdade, ambos os processos acontecem na prática e produzem resultados efetivos. O aprendizado produz a crítica e a crítica produz ação. Ou não.

A permanência da crítica e da ação, em uma dinâmica dialética permanente, é deveras exigente. Nesse sentido dois personagens podem ilustrar essa atitude: um deles Robespierre, líder jacobino da Revolução Francesa de 1789, do qual, anedoticamente, se conta que em sua frugalidade estoica o único luxo burguês ao qual se permitia era tomar uma xícara de café por dia; e o outro personagem que é ficcional: o *Tommy*, da ópera rock do *The Who*, um jovem cego, surdo e mudo que desenvolve uma hipersensibilidade e supera a privação dos sentidos. Ao oferecer o aprendizado dessa técnica para o público em geral acaba por enfrentar a frustração, a revolta e a violência.

De que forma esses personagens convergem para a prática educativa de Paulo Freire?

Robespierre ao ter levado o ideal da igualdade da Revolução Francesa ao extremo acabou por radicalizar o processo revolucionário e por fim por isolar-se na sua liderança, sofrendo a reação termidoriana e a guilhotina. Ao tornar o processo revolucionário permanente em sua exigência e observância do princípio da

igualdade vai deixando pelo caminho aqueles que em algum momento satisfeitos com resultados parciais creem haver chegado ao final do processo.

*Tommy*, por sua vez oferece aos indivíduos uma possibilidade de desenvolvimento que exige um esforço e uma abnegação incomuns que acabam por produzir frustração e revolta. Se por um lado o objetivo final do desenvolvimento dos indivíduos já está claro no início do processo, contudo a dificuldade do processo é extrema.

E são essas duas características que nesta interpretação vinculam esses personagens à proposta de Paulo Freire: a dificuldade e a permanência do esforço.

O termo necessário para amarrar esse devaneio textual é a práxis revolucionária desenvolvido na obra de Paulo Freire. Porque, a priori, a práxis revolucionária deixa de ser revolucionária quando realizada. Ou numa perspectiva de movimento permanente, a revolução deve sempre ser inconclusa e aqueles que julgam ter atingido esse ponto são aqueles que vão ficando para trás, superados pelo movimento. Ou, em alguns casos, ao deterem o poder tais indivíduos retardam ou subvertem a revolução. Salvo se capazes de compreender e praticar a verdadeira práxis revolucionária. E talvez aqui haja luz ao estabelecer-se a semelhança: Quando o processo educativo se conclui? Quando se para de aprender? E qual a finalidade do aprendizado se não a atuação sobre o mundo e sobre a realidade a ser transformada? De novo: o esforço permanente é a dificuldade natural do processo, mas também pela sua permanência.

A proposta de Paulo Freire para os indivíduos, e creio não caber mais a distinção entre educandos e educadores ambos equiparados na dinâmica do processo de aprendizagem e ação sobre a realidade, é exigente em sua permanência e em seu compromisso com um trabalho sempre inconcluso. É também o mundo e o homem novo sempre a fazer-se.

Se ainda não ficou clara a importância pedagógica e teleológica do método de Paulo Freire, de forma enfática destacamos que vivemos num país que precisa se conhecer. E é fácil para aquele que não se conhece tecer fantasias a seu respeito. Enxergar democracia onde há opressão, enxergar segurança onde há violência sistêmica, enxergar meritocracia onde há discriminação e racismo estrutural e enxergar desenvolvimento econômico onde há exclusão social e destruição ambiental.

Ademais o aprendizado e a ação crítica sobre nossa realidade são necessários para resgatar em sua plenitude uma política de desenvolvimento soberano, crítico e emancipado. Que permita ao país explorar suas riquezas naturais em prol da

sociedade, que permita ao país inserir-se nas cadeias produtivas internacionais de maior valor agregado ao invés de subordinar-se como produtor de *commodities*.

Uma educação crítica também é necessária para recuperar em sociedade a capacidade dos indivíduos de identificarem sua realidade e circunstância, se posicionarem de forma crítica, construtiva e emancipatória na constituição de uma sociedade patriótica, solidária e saudável.

Somente com uma educação emancipatória o cidadão brasileiro, em especial a classe média, poderá superar um modelo de pensamento subordinado e inferiorizado diante de culturas e experiências históricas estrangeiras que já deram inúmeros sinais de seu esgotamento ou mesmo de fracasso, seja por produzirem exclusão social, produzirem sociedades violentas com fraturas irreconciliáveis ou simplesmente por revelarem-se, em última instância, culturas e correntes de pensamento voltadas de forma unilateral para o seu enriquecimento e exploração dos demais povos.

A educação crítica, baseada no conhecimento de nosso processo sócio histórico, é a única alternativa capaz de permitir a formulação de uma estratégia de atuação internacional protagonista, multilateralista e engajada em busca da resolução dos problemas globais urgentes que ameaçam a humanidade. Uma educação crítica que não esteja baseada em ilusões a respeito do Brasil e dos demais países e que reconheça que o agir multilateral não obriga à subordinação do interesse nacional. Que a solidariedade internacional tem força diplomática e se soma às potencialidades de um Brasil com capacidade de liderar e contribuir positivamente para o desenvolvimento da comunidade internacional de países.

E, por fim, diante dos desafios ambientais e econômicos que se avultam, uma educação crítica voltada para a ação sobre a realidade deve produzir indivíduos com a capacidade de pensar e realizar um novo modo de vida que seja maior e mais satisfatório do que o mero consumismo efêmero e acumulação de símbolos aparentes de status.



## Referências bibliográficas

SCHUR, Ruth. Pureza Fatal: Robespierre e a Revolução Francesa. São Paulo: Record, 2009.

SOUZA, Ana Inês et al. Paulo Freire: vida e obra. 3ª ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SOUZA, Jessé. A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

## Referências audiovisuais

História Pirata #57 – Paulo Freire: História e Educação com Clara Marques. Locução de: Rafael Verdasca, Daniel Gomes e Clara Marques. Brasília, 26/06/2021. Podcast disponível em Spotify/História Pirata. Acesso: 01/07/2021.

Tommy. Direção Ken Russel. Produção: Robert Stigwood e Ken Russel. Local: Londres, Inglaterra. Distribuidora: Warner, 1975. Acessado/visualizado em sala de cinema e fita VHS.